Editorial

Manuel Jacinto Sarmento[1]

Catarina Almeida Tomás[2]

A revista *Investigar em Educação* inaugura com este seu número uma nova série e uma nova etapa da sua vida. Sendo uma publicação institucional da associação que acolhe e reúne os investigadores, decisores e interventores no campo da educação em Portugal, a revista reflete na sua linha editorial os traços mais marcantes desse seu caráter de órgão de comunicação do trabalho científico de quem intervém no domínio da transmissão do saber e da cultura, mobilizando como matriz teórica e metodológica as ciências da educação.

Aproveitando as oportunidades geradas pela comunicação em *Open Access*, a revista terá sempre uma edição eletrónica e uma edição em papel, sendo que a primeira permitirá a livre consulta e gravação de todos os artigos. Sendo especialmente destinada à comunidade científica e profissional das ciências da educação em Portugal, a revista, como acontece neste número, aceitará artigos de todas as proveniências, os quais, como todos os outros, serão objeto de um procedimento de avaliação por pares, em condições de "double blind refereeing". As suas páginas encontram-se especialmente abertas à colaboração de investigadores com origem nos países de língua oficial portuguesa. Colaborações provenientes de autores de outras origens linguísticas serão também aceites e, em alguns casos, especialmente procurados, quando isso se justifique, sendo, nesse caso, publicados os respetivos artigos na sua língua de origem.

A revista procurará pontuar o trabalho teórico em ciências da educação, através de números temáticos, centrados em temas preferencialmente transversais ao seu campo de conhecimento, por natureza eminentemente interdisciplinar. Os temas serão escolhidos tomando por referência critérios de relevância e de atualidade. Procurar-se-á ir ao encontro daquilo que são as grandes questões teóricas e epistemológicas que se colocam às ciências da educação, seja na interrogação que fazem aos fundamentos do saber que projetam sobre os processos formais e não formais de transmissão de conhecimento, seja no questionamento de domínios de aplicação nos contextos educacionais.

Fiel à tradição da 1ª série, a revista, nesta sua nova etapa, procurará continuar o esforço de sistematização do conhecimento, recorrendo a artigos encomendados com capacidade para fazer as sínteses do conhecimento sobre as temáticas selecionadas. Ao mesmo tempo, serão divulgadas novas investigações, através da

[1] Instituto de Educação, Universidade do Minho. Diretor da Revista *Investigar em Educação*.

[2] Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Lisboa. Membro da Comissão de Redação da Revista *Investigar em Educação*.

seleção de artigos para cada número temático. Para reportar e trazer à memória textos e autores que fizeram história nas ciências da educação em Portugal, cada número terá um texto selecionado, sobre o tema de capa, de um autor que tenha especialmente contribuído, no passado, para a génese e o desenvolvimento das ciências da educação. Irá sendo constituída paulatinamente, deste modo, uma antologia das ciências da educação em Portugal.

O primeiro número da nova série tem por tema de capa *Educação Não Formal e Aprendizagens Informais*. A escolha deste tema decorre da preocupação da Comissão de Redação da Revista *Investigar em Educação* em, desde o momento inicial, contribuir para a afirmação de uma conceção abrangente do campo das ciências da educação, abrindo-as a problemáticas de ampla transversalidade na sociedade e, simultaneamente, libertando-as do confinamento ao campo estrito das instituições educativas e das problemáticas pedagógicas, didáticas e ou profissionais da educação escolar.

Na verdade, a educação, sob todas as suas formas, constitui o objeto das ciências da educação. A educação não formal tem-se vindo a desenvolver numa sociedade pan-educativa, onde múltiplos dispositivos de transmissão de saberes são intencionalizados fora dos contextos institucionais e a par da expansão da escolaridade. Processos formativos associados ao desenvolvimento de competências de trabalho, a muito rápida mutação dos saberes, a forte influência sobre a vida social das tecnologias da informação e a marcante incorporação de conhecimento nos processos de desenvolvimento económico e social conjugam-se na criação e expansão de modalidades não formais de educação. A crítica à escola, à forma escolar e aos efeitos seletivos e excludentes da educação escolar tem levado, por outro lado, a que alguns movimentos sociais e alguns programas de inovação pedagógica promovam modalidades não formais de educação, designadamente em relação com o meio natural de vida de crianças, jovens e adultos e centrados nos conhecimentos do quotidiano.

Ao mesmo tempo, a disseminação da informação pela internet, as oportunidades geradas pela experiência proporcionada pela sociedade cosmopolita e pelo favorecimento da mobilidade das pessoas, a acessibilidade da informação disponibilizada pelos *mass-media* são fatores que contribuem para aprendizagens informais, não intencionais, enraizadas no quotidiano e decorrentes da experiência vivencial.

A educação e as suas relações com as modalidades não formais e com as aprendizagens informais constitui-se como um campo problemático que desafia, simultaneamente, a investigação sobre os processos epistemológicos de aquisição de conhecimento, a identificação dos modos e dos processos mais efetivos e motivadores de transmissão de saber e as implicações na cultura escolar das dinâmicas decorrentes das aprendizagens informais, experienciais e do quotidiano. Isso mesmo foi compreendido pelos investigadores portugueses em ciências da educação e alguns outros provenientes de países de língua oficial portuguesa, que, em número elevado, se propuseram publicar neste primeiro número da nova série da Revista *Investigar em Educação*. A diversidade dos artigos aprovados é bem representativa disso mesmo.

Na primeira parte, compreendendo os artigos encomendados, são publicados três textos que permitem construir, de forma bastante completa, uma visão de conjunto sobre as questões teóricas que se prendem com o tema selecionado. No primeiro artigo, o educacionalista britânico Alan Rogers - provavelmente o cientista da educação que mais alargadamente se tem dedicado ao tema da educação não formal – discute o modo como, no "iceberg" das aprendizagens, a aprendizagem informal, constituindo a parte "submersa" da aquisição e acomodação do saber, influencia determinantemente as aprendizagens obtidas no contexto institucional das escolas; o autor procura encontrar princípios e dispositivos que possibilitem, na educação formal, a construção de uma pedagogia que desvele, reconheça e amplie as aprendizagens informais. Num registo bastante diferente, a socióloga brasileira Maria da Glória Gohn coloca em destaque o papel da educação não formal e das aprendizagens informais propiciadas pelos movimentos sociais na promoção das populações subalternas enquanto sujeitos de cultura e produtores de conhecimento, no desenvolvimento de uma educação cidadã e no fortalecimento de processos emancipatórios de transformação social. Voltando à temática da educação escolar, o sociólogo da educação José Augusto Palhares revisita os conceitos clássicos que distinguem o formal do não formal e do informal para demonstrar, recorrendo ao estudo das representações dos estudantes com elevadas classificações no ensino secundário, como a imbricação dos diferentes planos é estruturante das aprendizagens, esbatendo as fronteiras que estabelecem o que é central e o que é periférico na produção da "excelência" escolar.

Na seção de artigos submetidos, realiza-se um interessante percurso por diferentes contextos, situações, possibilidades e modalidades de educação não formal e de aprendizagens informais.

Os dois primeiros artigos desta secção - de Andreia M. Agahadassi e Isabel Freire e de Alberto Nídio Silva, respetivamente – centram-se nos mundos sociais e culturais da infância, focando, no primeiro caso, os processos de aprendizagem informal realizados por amas integradas numa organização não governamental pelo contacto entre pares e pela relação educativa com crianças e, no segundo caso, as aprendizagens informais presentes no desenvolvimento das culturas infantis, através das práticas lúdicas das crianças, em boa medida constrangidas pelas institucionalização do espaço-tempo da infância e pelo controlo adulto sobre os quotidianos infantis.

Um conjunto de cinco artigos, coloca-nos, de seguida, perante as complexas relações entre a escola e contextos não formais de aprendizagem, ora mobilizando as nossas atenções para a influência na educação escolar de aprendizagens não formais e informais obtidas nos mundos de vida das crianças e jovens, ora orientando os olhares para dispositivos pedagógicos, em contexto institucional, desenvolvidas pela potenciação do informal nas aprendizagens formais. Assim, Wania Gonzalez e Laélia P. Moreira estudam a potenciação da educação cidadã em ONG da periferia do Rio de Janeiro e os seus impactos na educação formal; António Neto-Mendes e Esperança Martins discutem, a partir de dados comparativos de 4 países em outros tantos continentes, o impacto das "explicações" nos resultados escolares; Sofia Nogueira, Celina Tenreiro-Vieira e Isabel Cabrita apresentam o desenvolvimento de recursos

didáticos em matemática, que articulam a escola com espaços de educação não formal; Cristina Pires, finalmente, ainda dentro deste conjunto, apresenta uma investigação sobre o modo como a produção audiovisual se desenvolve enquanto estratégia de subjetivação e de empoderamento dos alunos.

Segue-se um outro conjunto de artigos, desta feita incidindo na educação de adultos. Filipa Canelas e Nair Rios Azevedo demonstram como os processos de reconhecimento, validação e certificação de competências nos (extintos) centros novas oportunidades podem propiciar melhorias importantes nas práticas dos centros de formação profissional; Magda Sofia Roberto, António Fidalgo e David Buckingham debruçam-se sobre a educação de adultos idosos em contexto não-formal, utilizando para tanto um programa de inclusão digital sustentado na recolha e tratamento de fotografias.

Finalmente, numa abordagem organizacional da escola, Alexandre Gomes põe em relevo o que designa por aprendizagem não formal da profissão de professor, salientando os aspetos culturais e simbólicos da configuração da profissionalidade docente e sugerindo a construção de grupos de discussão como dispositivo de racionalização e auto-aprendizagem em contexto institucional.

Na rubrica Antologia, que seleciona textos históricos das ciências da educação em Portugal, o grande pedagogo republicano Faria de Vasconcelos apresenta as bases conceptuais e pedagógicas da universidade popular de Lisboa, concebida como estrutura de educação não-formal das classes populares. O rigor da análise cruza-se, neste texto como em tantos outros dos principais pedagogos republicanos, com um desejo de ação transformadora das estruturas educacionais e sociais do país, num testemunho vivo de ciências da educação socialmente implicadas e pedagogicamente relevantes.

Da infância aos adultos idosos, das periferias urbanas às escolas de "excelência", dos centros de explicações nos quatro cantos do mundo aos centros de educação de adultos, o percurso desenhado nesta revista coloca-nos perante um trabalho científico em Educação que se pode caraterizar pela sua abrangência, pela multidisciplinaridade, pela justa atenção aos problemas teóricas e a dedicação às práticas concretas, pela complexa articulação entre contextos formais, dispositivos não formais e processos informais de aprendizagem.